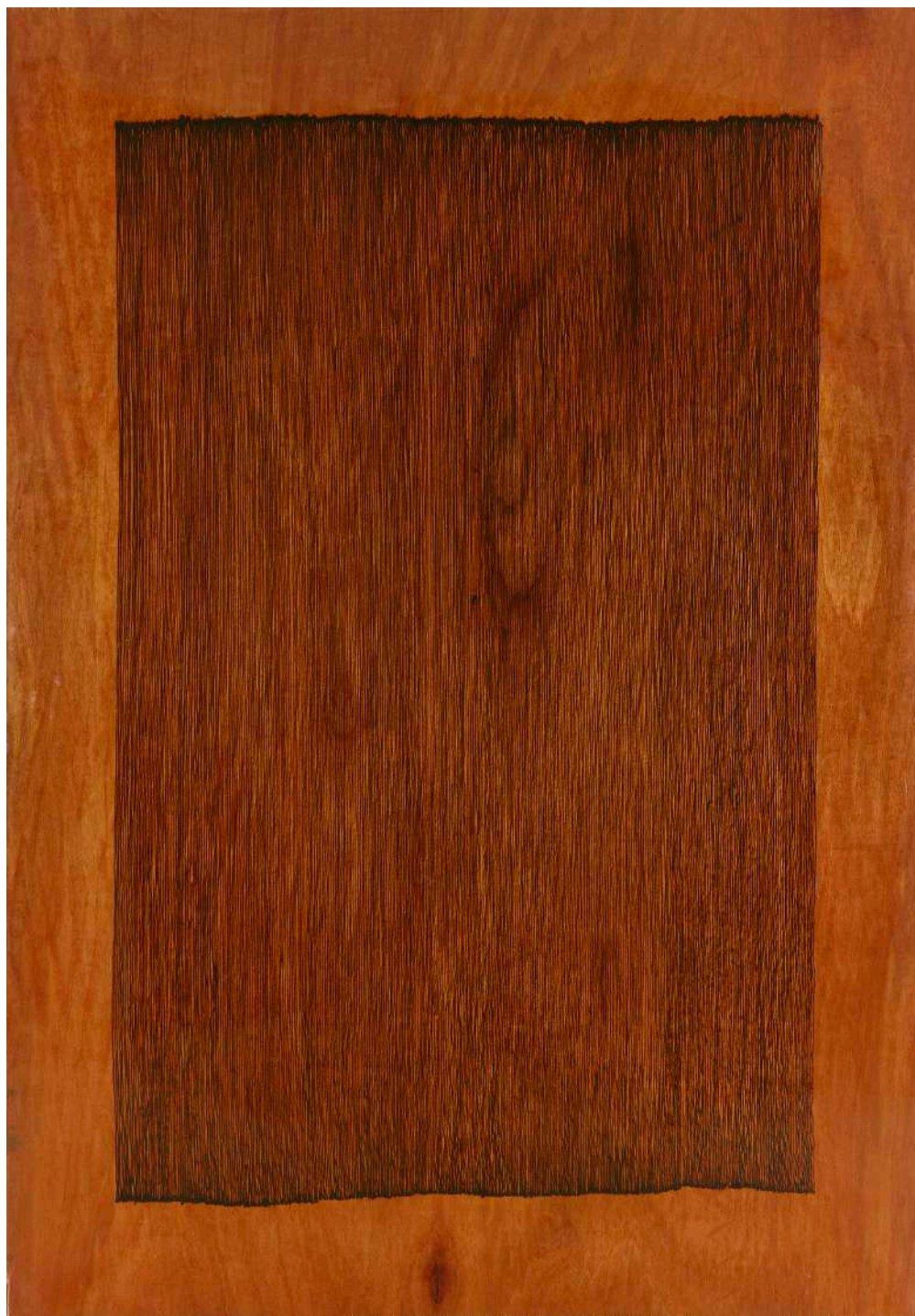


Dossier de exposição

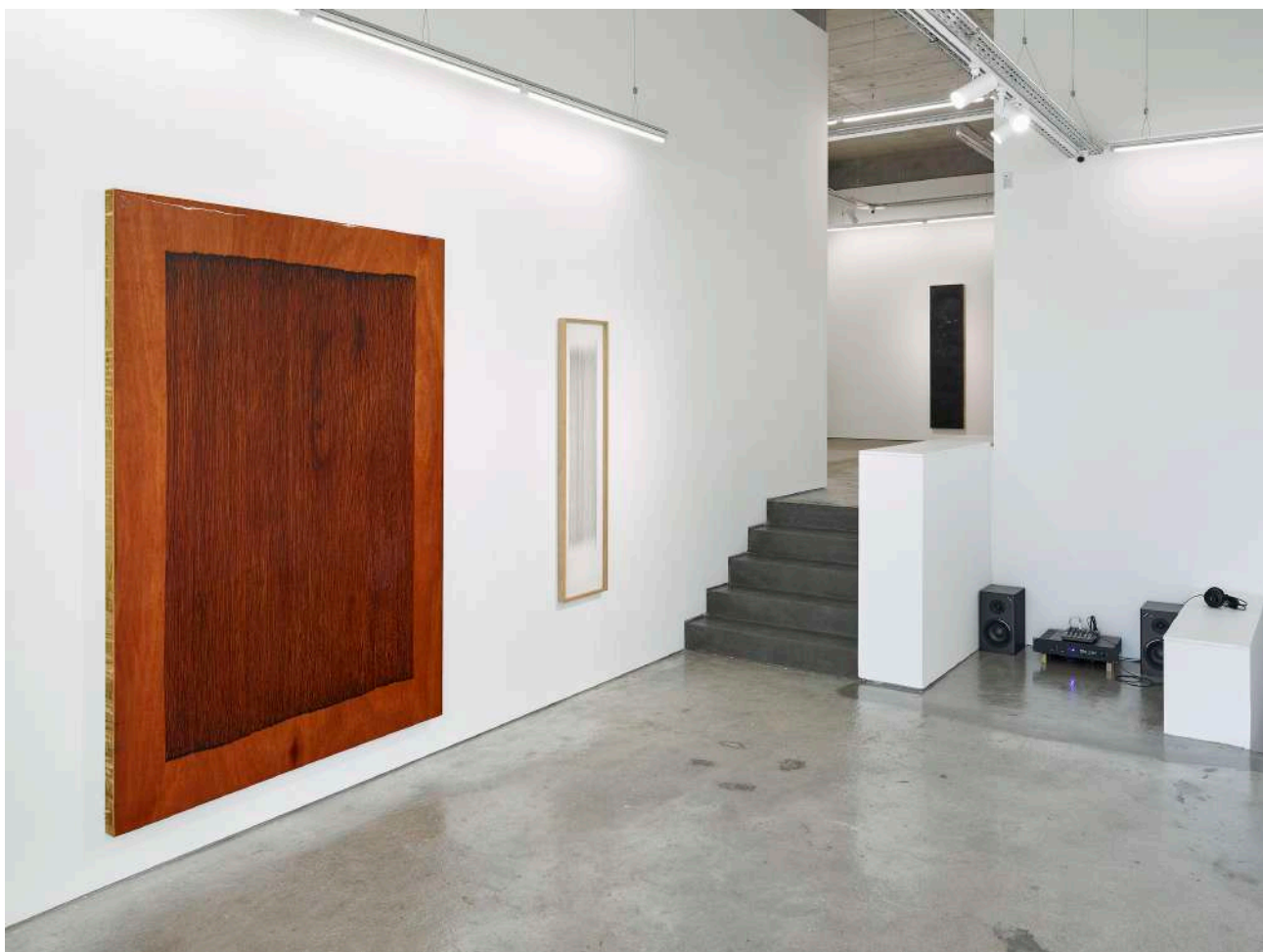


Untitled (Winter Series), 2017, Fogo e verniz sobre contraplacado, 218 x 153 cm

(un)dancing skeleton
Rui Soares Costa
28.06—14.09
Curadoria: Hugo Dinis

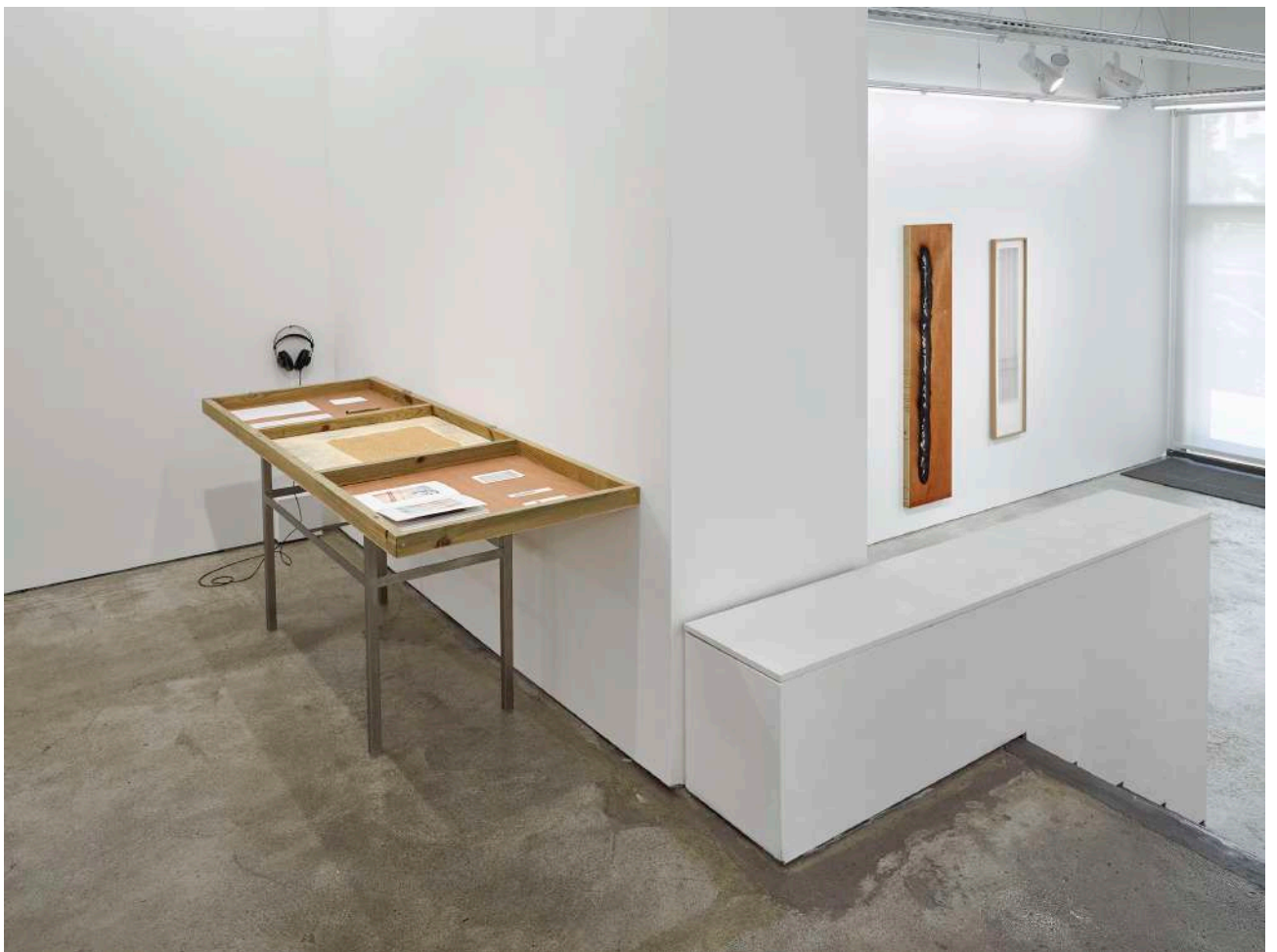
Apresentação

A sala117 apresenta a primeira exposição individual no Porto do artista Rui Soares Costa (1981). Intitulada *(Un)dancing skeleton*, o projecto curatorial tenta desvelar como o método de trabalho do artista é revelador de uma performatividade. Através de um contido movimento do corpo, se permite intuir linguagens artísticas edificantes e promissoras. A exposição é uma oportunidade de visitar algumas séries de trabalhos apresentados anteriormente — *Honey Series*, *Winter Series* e *Sweet Series* —, bem como mostrar o mais recente trabalho que o artista tem vindo a realizar: *Lifeline Series*. Serão igualmente exibidas as quatro bandas sonoras da autoria do músico André Gonçalves que acompanharam cada série. Também será apresentada uma banda sonora original, composta para a ocasião pelo músico, que alberga, como um emaranhado de sons, o conjunto das bandas sonoras anteriores. Ao enunciar num mesmo espaço as quatro séries distintas de trabalho artístico, e ao pontuar o espaço expositivo com uma mesa que enuncia o atelier, tentar-se-á notar que o fio condutor da metodologia que o artista tem vindo a desenvolver é, em si mesmo, um processo que, apesar de metódico e cerebral, pertence a um corpo sensível e imprevisível.



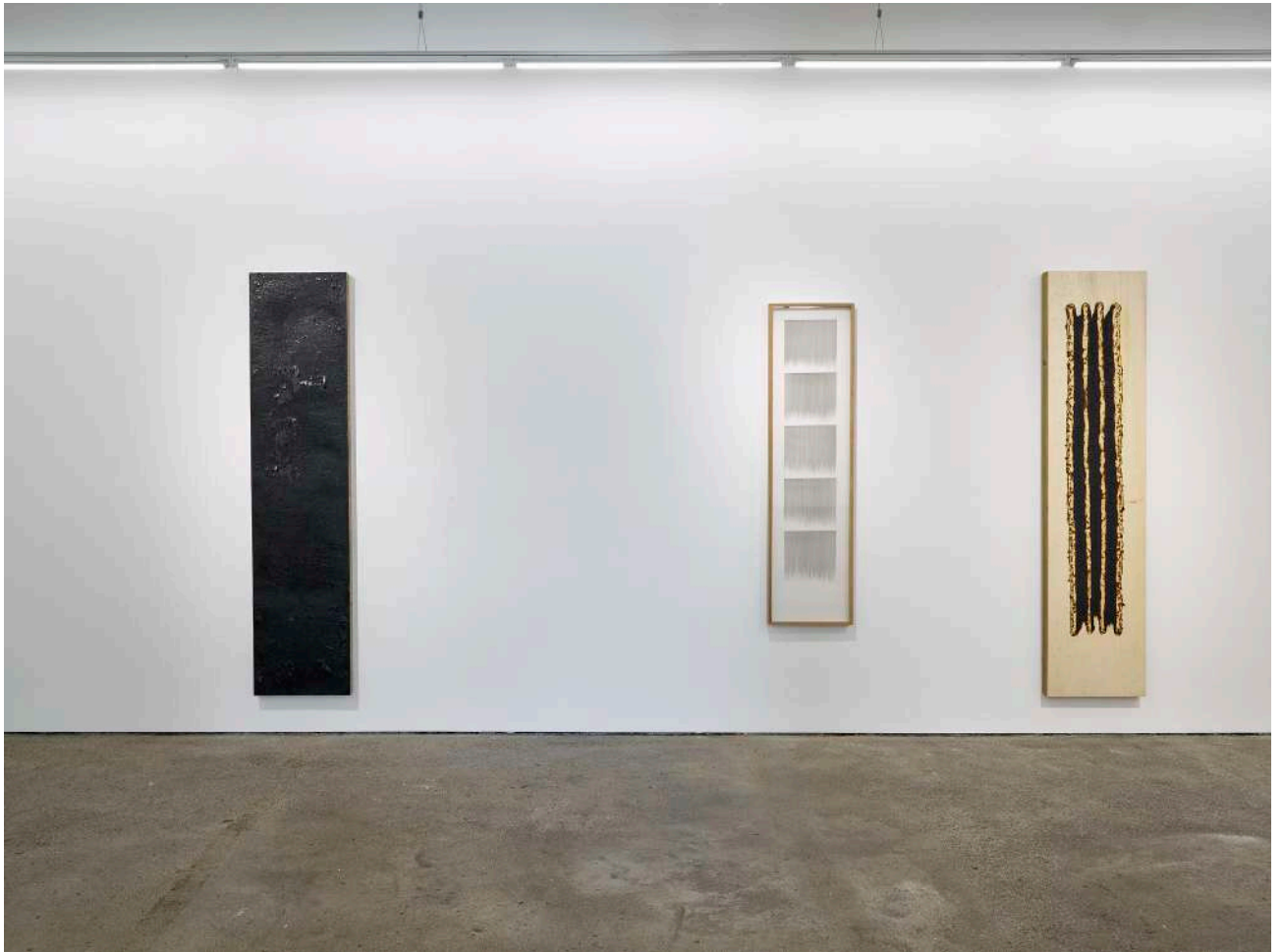
As obras *Sweet Series*, apresentadas em 2016, são meramente enunciadas por um apontamento na já referida mesa de trabalho do atelier. Trata-se de uma série realizada com açúcar a que se junta verniz formando desenhos em diferentes tonalidades. Através da utilização do material orgânico, açúcar, e considerando que se trata de uma matéria mutável com a passagem do tempo, esta série de trabalho expõe não só a vulnerabilidade dos corpos matéricos, como também a memória do gesto passado que lhe deu a origem. O facto de esta obra se encontrar inserida numa mesa em que constam outros elementos do processo de trabalho do artista, como pequenas notas com números, cadernos, canetas, etc., reforça o carácter de referência à memória do gesto que produz as obras, ou seja, a leve reacção entre o açúcar e o verniz. A música que acompanha esta série cria um ambiente orgânico numa música eterna que é concebida de forma a nunca se repetir.

Recorrendo a outra ferramenta não convencional, o fogo, o artista desenvolve desde 2017 as obras *Winter Series*. Tendo em conta que o fogo, enquanto gesto transformador de matéria pode ser igualmente destruidor e gerador — por um lado, queima o contraplacado de madeira; e por outro, revela desenhos, uns aleatórios outros controlados — é um constante inventor de uma nova linguagem artística. Estas obras são realizadas através de duas ferramentas gestuais fundamentais: maçarico e acendalha líquida. Com a primeira ferramenta — maçarico — o gesto pode ser expansivo, ou seja, a queima é mais intensa e chega a fazer rasgões no contraplacado, ou pode ser mais controlado, em que é possível desenhar linhas directas que se aproximam de uma escrita precisa e atenta ao seu próprio desenho. Ambas as situações são realizadas através de um corpo que coreografa o mesmo gesto em mínimas oscilações. Com a segunda ferramenta — acendalha líquida — a combustão da madeira é feita num gesto indirecto que desenha o não visível da obra, ou seja, o negro é realizado através do fogo que rodeia a acendalha líquida. Neste sentido, apesar do gesto realizado ser revelador de uma intenção, o resultado final é livre e, até, descontrolado. É nestas duas experiências diferenciadas que se desenvolve uma promessa de um novo conhecimento sobre o corpo, nomeadamente, sobre os seus limites e os seus alcances.



As obras *Honey Series*, apresentadas em 2018, são realizadas recorrendo a diferentes vernizes incolores colocados sobre madeira. O jogo entre o brilho e a opacidade, entre as diversas camadas, entre o reflexo do espectador e a sua ausência, faz com que esta série de trabalhos tenha vindo a reflectir sobre a visibilidade e a invisibilidade. Contudo, mais que revelar os objectos ou os efeitos presentes na obra — tratam-se de formas simples como quadrados ou texturas — o movimento ou o gesto tanto do artista ao realizar a obra como do espectador ao vê-la, torna-se o centro de uma performatividade que se excede na obra presente. Esta oscilação entre a revelação e a ocultação é em si mesma a obra que se apresenta.

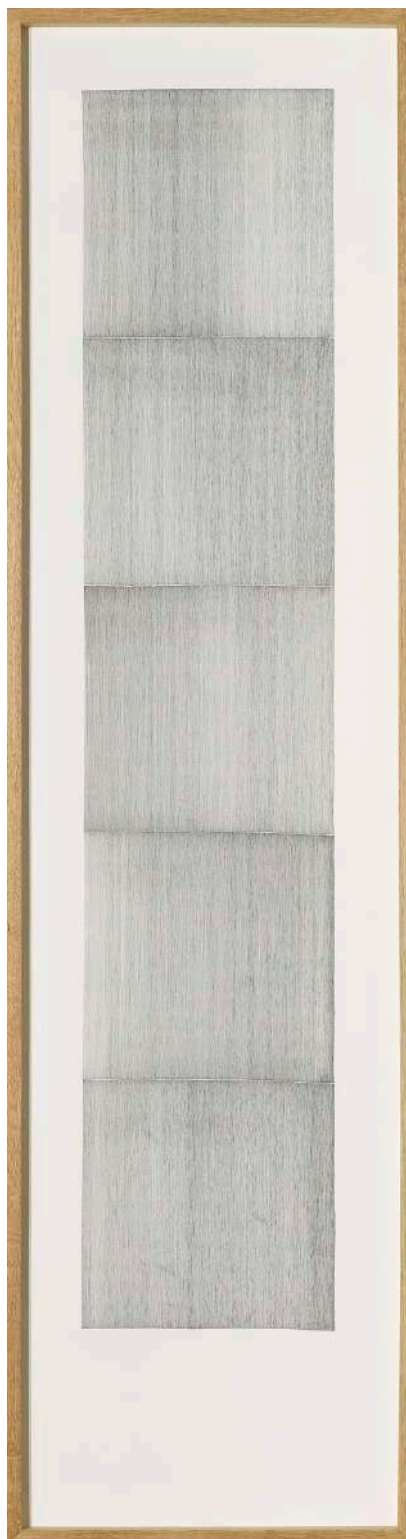
Esta ideia de performatividade, entendida como o movimento para se realizar e/ou para ver a obra, está também presente nas obras *Lifeline Series*, que têm ocupado grande parte da investigação que o artista tem vindo a realizar desde 2017. Através da execução de linhas direitas e paralelas entre si, extremamente próximas, mas que nunca se tocam, realizadas a caneta muito fina, o artista executa um movimento contínuo e repetitivo que preenche o seu próprio significado. Trata-se do momento em que a passagem do tempo se intemporaliza e se vê refém da sua mortalidade e do seu fim. O desenho destas linhas contínuas, como uma história de vida compactada no momento em que é desenhada, com diferentes percalços ou acasos ou desconfortos, torna estas obras mediações entre o gesto que o artista promove e o olhar do espectador que percorre esse registo ou essa história.



Retomando a mesa de trabalho presente na exposição, é possível ver pequenos apontamentos que indicam números. Trata-se da contagem do número de linhas desenhadas e do número de canetas utilizadas para realizar cada desenho da *Lifeline Series*. Esta contabilização precisa, formal e meticulosa, quase científica, parece entrar em dissonância com a superfície inebriante e sensível dos poéticos desenhos. Contudo, através da fisicalidade do fogo da *Winter Series*, da mutabilidade do açúcar da *Sweet Series* e da invisibilidade da *Honey Series*, o corpo da obra de Rui Soares Costa revela-se uma intensa coreografia sentimental que parece esvaziar o seu próprio tempo para o oferecer aos seus espectadores. A passagem da carne que cada obra carrega transforma o gesto num esqueleto dançante.

**Nota biográfica
do artista**

Rui Soares Costa (Lisboa, 1981) Vive e trabalha em Lisboa. Entre 2000 e 2003 Estudou Pintura no Ar.Co, Lisboa. Em 2005, fez a licenciatura em Psicologia Social, no ISPA. Em 2009 realizou o doutoramento em Psicologia Social no ISCTE, em Lisboa e na University of California, Davis, E.U.A.. Entre 2009 e 2012 teve uma bolsa de pós-doutoramento em Neurociência Social entre a Universidade de Lisboa e a Princeton University, E.U.A.. Desde 2013 trabalha em exclusividade como artista plástico. Realizou em 2016 a sua primeira exposição a solo, Sweet Series, no Museu Nacional de História Natural e da Ciência em Lisboa.



Untitled 3269/3 (*Lifeline series*), 2019, Caneta sobre papel, 150 x 38 cm

FINISSAGE + CONVERSA **COM O CURADOR** **14 DE SETEMBRO, ÀS 18:00**

Hugo Dinis, curador da exposição, irá promover uma visita seguida de conversa com a participação do artista. A entrada é livre, sujeita à lotação do espaço.

Ficha técnica

EVENTO Exposição individual

NOME DA EXPOSIÇÃO (Un)dancing sekeleton

ARTISTA Rui Soares Costa

ÁREAS ARTÍSTICAS Desenho

CURADORIA Hugo Dinis

PATENTE ATÉ 14 de setembro de 2019

GALERIA sala117

MORADA Rua Damião de Góis 200, 4050-222 Porto

HORÁRIO terça a sábado, das 15:00 às 19:00

ENTRADA Livre

CONTACTOS +351 220 129 924; +351 919 728 080

EMAIL mail@sala117.com

SITE sala117.com

REDES SOCIAIS **FACEBOOK** /galeriasala117 **INSTAGRAM** /galeriasala117

DIREÇÃO DA GALERIA SALA117

DIRETORA ARTÍSTICA Olinda Magalhães

ASSISTENTE Bela Lachter

DESIGNER Black Unicorns

FOTOGRAFIA Filipe Braga

A **sala117** é uma galeria e plataforma de disseminação de práticas artísticas contemporâneas. Num cruzamento entre linguagens, suportes e processos distintos, a galeria apresenta-se cada vez mais dedicada ao apoio e promoção do trabalho de artistas emergentes. Fundada em 2016 na cidade do Porto, seu programa inclui exposições e projectos curatoriais dos artistas representados, assim como pesquisa e divulgação de jovens artistas portugueses e internacionais.